



Protestantismo em Revista é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

<http://dx.doi.org/10.22351/nepp.v44i1.3247>

Culto e espiritualidade pentecostal: uma experiência de fascinação

Pentecostal worship and spirituality: a fascination experience

André Luís da Rosa*

Paulo Jonas dos Santos Júnior**

Resumo

O presente artigo fará uma breve análise do culto e da espiritualidade pentecostal tendo como referencial teórico a obra *O Sagrado*, de Rudolf Otto, especialmente o conceito de fascinação, pois, compreendemos que é neste aspecto da experiência do sagrado para Otto que se enquadra, principalmente, a experiência religiosa do pentecostalismo. Para tanto, no primeiro momento, se apresentará a questão da experiência na espiritualidade pentecostal e sua intenção originária. Na sequência, se analisará a vivência da espiritualidade pentecostal organizada no culto. E, por fim, se apontará brevemente alguns desdobramentos históricos da experiência religiosa no pentecostalismo.

Palavras-chave

Culto. Espiritualidade. Experiência Religiosa. Pentecostalismo.

Abstract

This article will do a brief analysis of Pentecostal worship and spirituality having as the theoretical referential the work *The Idea of the Holy* by Rudolf Otto, especially the concept of fascination, since we understand that for Otto it is in this aspect of the experience of the Holy, that mainly, the religious experience of Pentecostalism fits. For this, in the first moment, the issue of the experience in Pentecostal spirituality and its originating intention will be presented. In sequence, the experience of the Pentecostal spirituality organized in worship will be analyzed. And, finally, some historical developments of the religious experience in Pentecostalism will be briefly pointed out.

[Texto recebido em janeiro de 2018 e aceito em janeiro de 2018, com base na avaliação cega por pares realizada por pareceristas ad hoc]

- * Mestre em Ciências das Religiões (Faculdade Unida de Vitória). Especialista em Ciências da Religião (Universidade Cândido Mendes). Licenciado em Ensino Religioso (Faculdade Paulista São José - Formação Pedagógica para Docentes). Bacharel em Filosofia (Faculdade São Luiz). Membro da Rede Latino-Americana de Estudos Pentecostais - Núcleo Brasil (RELEP). E-mail: andreldarosa@hotmail.com
- ** Doutorando em Planejamento Regional e Gestão da Cidade (Universidade Cândido Mendes). Mestre em Ciências das Religiões (Faculdade Unida de Vitória). Especialista em História e Cultura do Brasil (UNESA). Licenciado em História (ISEIB). Bacharel em Teologia (FAECAD). Psicanalista Clínico, FATEB, Rio de Janeiro/RJ. Membro da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB). E-mail: paulojsjunior@hotmail.com

Keywords

Worship. Spirituality. Religious Experience. Pentecostalism.

Introdução

O específico do pentecostalismo é o espiritual. Antes do fiel preocupar-se com o social, com a política, ele deve transformar o seu interior. A experiência religiosa é o que dá origem a qualquer fenômeno religioso; e a organização de ritos e liturgias, a elaboração de conceitos teológicos e morais são precedidas por uma experiência do sagrado. Se considerar o cristianismo ocidental, o rompimento dos protestantes com o catolicismo romano delineou uma nova forma dos cristãos se relacionarem com Deus. A partir do século XX, outra novidade no mundo cristão surgiu: o pentecostalismo. Este, por sua vez, trouxe uma nova compreensão de vivência religiosa. Apresentar as principais características da experiência religiosa no pentecostalismo é o objetivo deste artigo. Para tanto, o presente artigo fará uma breve análise do culto e da espiritualidade pentecostal tendo como referencial teórico a obra *O Sagrado*, de Rudolf Otto, especialmente o conceito de fascinação, pois, compreendemos que é nesse aspecto da experiência do sagrado para Otto que se enquadra, principalmente, a experiência religiosa do pentecostalismo.

Pentecostalismo: a religião da experiência

O pentecostalismo é um movimento que tem transformado a experiência religiosa cristã. No início do século XX, não havia uma só igreja pentecostal, hoje, porém, a maioria do povo evangélico é pentecostal.¹ A primeira fase do pentecostalismo recebeu o nome de *pentecostalismo clássico* e nasceu nos círculos protestantes, mas não foi reconhecido pelas igrejas protestantes tradicionais, de modo que os adeptos fundaram logo igrejas próprias. Também, a partir do ano de 1956, surgiu o movimento pentecostal renovado, ou *movimento carismático*, no seio das igrejas protestantes tradicionais, como luteranos, anglicanos, presbiterianos, metodistas, batistas e outros grupos.² E o mais surpreendente é que a experiência pentecostal foi acolhida até mesmo pela Igreja Católica Romana.

Falar de experiência religiosa no pentecostalismo é falar da especificidade deste movimento. Pois, para os pentecostais, conhecer a Deus é o mesmo que fazer a experiência pessoal de Deus. Portanto, a experiência religiosa no pentecostalismo pode ser entendida como:

uma modalidade (e também fonte) de conhecimento *imediato*, enquanto não acontece pela atividade discursiva da inteligência, como seria a conclusão de um silogismo, nem por uma reflexão posterior, nem pelo acolhimento do saber em razão da autoridade ou de uma tradição histórica. Portanto,

¹ McALISTER, Robert. *A experiência pentecostal*. São Paulo: Nova vida, [s. d.]. p. 7.

² Cf. SMET, Walter. *Eu faço um mundo novo: movimento carismático na Igreja*. São Paulo: Loyola, 1978. p. 23.

trata-se de uma percepção simples e imediata de algo, que provoca grande certeza fundada numa evidência específica. Naturalmente esta percepção possui sua dimensão intelectual, [...] mas ela, por si, implica todo o ser humano (inteligência, vontade, sentimentos, imaginação).³

Para Rudolf Otto, o sagrado apresenta-se como uma categoria complexa, que se constitui de dois elementos importantes: o elemento não-racional, definido por ele como *numinoso*,⁴ e o elemento racional, que é o predicador. Sua obra, *O sagrado*, apresenta como subtítulo: *um estudo do elemento não-racional na ideia do divino e a sua relação com o racional*. O termo não-racional, não é empregado por Otto com o sentido de oposição ao racional, como ele mesmo afirma: “por não-racional não entendemos o que é sem forma e estúpido, o que não está ainda submetido ao controle da razão, o que é rebelde à racionalização em nossa vida instintiva ou nos mecanismos do mundo”.⁵ E ele define o racional como o que pode captado pelo pensamento conceitual. Estas noções claras são condições para o ensinamento da fé. A doutrina, a catequese e os próprios livros sagrados utilizam-se de predicados racionais.⁶

Baseando-se na concepção de sagrado de Rudolf Otto, pode-se afirmar que o pentecostalismo resgata em sua vivência de fé o elemento não-racional da fé cristã, a experiência pessoal de Deus, ofuscada por liturgias ritualistas e doutrinas dogmáticas rígidas. O teólogo Yves Congar destaca que, nos movimentos de linha pentecostal, a referência à experiência tem primazia sobre qualquer outra. Pois, “o pentecostalismo introduz na vida ordinária das igrejas o exercício de zonas do homem negligenciadas por uma religião excessivamente organizada e racional”.⁷ Basta perceber que o discurso pentecostal para atrair seus fiéis não está baseado em pregações doutrinárias, elaborações teológicas, mas na narrativa da experiência pessoal de Deus, o que Ele faz em minha vida. Como sintetiza o teólogo Elias Wolff:

há a fé experiencial, já que no pentecostalismo, mais que uma doutrina, um preceito, uma norma, o que importa é a experiência. O que convence quem assume ser pentecostal é o testemunho do vivido, que impregna de

³ MIRANDA, Mario de França. A experiência cristã e suas expressões históricas. In: ANJOS, Márcio Fabris dos (Org.). *Experiência religiosa: risco ou aventura*. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 90.

⁴ “Para denominar o caráter particular e puramente religioso do sagrado, Otto cunha a palavra *numinoso*. *Numinoso* vem da palavra latina *numen* e serve para indicar a característica essencial e exclusiva da religião, livre das conotações éticas e racionais contidas no termo *sagrado*”. [BRICK, Bruno Odélio. *O Sagrado em Rudolf Otto*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993. p. 24.] E, nas palavras de Otto, “compreende um elemento de qualidade absolutamente especial que se subtrai a tudo aquilo que nós chamamos de racional; é completamente inacessível à compreensão conceitual, e constitui algo inefável”. OTTO, Rudolf. *O sagrado: um estudo do elemento não-racional na ideia do divino e a sua relação com o racional*. São Bernardo do Campo: Metodista, 1985. p. 11.

⁵ OTTO, 1985, p. 61-62.

⁶ Cf. BRICK, 1993, p. 15.

⁷ CONGAR, Yves. *Ele é o Senhor e dá vida*. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 207.

significado a existência e determina a compreensão da realidade sócio-religiosa.⁸

No pentecostalismo clássico a experiência do batismo com o Espírito Santo acompanhado do falar em línguas é normativa, é o que o define um pentecostal, é o que o capacita para o ministério. Por isso, todas as pessoas são motivadas a buscar sua própria experiência, como analisa Esdras Costa Benthó: “os relatos da experiência de batismo no Espírito Santo são variados, pessoais e não repetitivos, disso resulta a subjetividade da experiência”.⁹ E continua: “não há como transferir, reproduzir ou transmitir a mesma experiência a outros. Cada um deve ter sua própria experiência de batismo no Espírito Santo”.¹⁰

Convém destacar, para não criar-se uma visão reducionista do pentecostalismo, que a experiência não substitui a racionalidade. Novamente citando Otto, para ele a religião não pode ser compreendida sem a interação dos seus aspectos racionais e não-racionais. Mas, ainda que haja esta interação necessária entre o racional e o não racional na religião, um desses aspectos deve preceder o outro e, para Otto, o não racional claramente precede o racional. A experiência precede a elaboração de conceitos. Segundo Otto, a religião necessita de firmes e sólidos conceitos, mas, o que ele faz, é apenas a constatação de que, para a religião, a construção de seu edifício teológico racional, não é possível sem os alicerces da experiência religiosa.¹¹ Assim, o que o pentecostalismo faz é valorizar a experiência espiritual, a dimensão interior da fé, e não dispensa a racionalidade da fé, ainda que em muitos casos esta se reduza ao fundamentalismo bíblico, como critério para o discernimento de suas experiências.

Ainda um fato que não pode ser ignorado, trata-se de que o pentecostalismo estrotejou-se para fora dos círculos protestantes e adentrou também o catolicismo romano, através da Renovação Carismática Católica, pois, em toda história do cristianismo, este é o primeiro movimento de origem protestante que adentrou a Igreja Católica Romana e foi aprovado por suas autoridades eclesiásticas.¹² E, é do conhecimento de poucos católicos e pentecostais que, segundo o historiador pentecostal Vinson Synan, “a Renovação Carismática Católica (RCC) foi, sem dúvida, uma das vertentes mais importantes do movimento carismático do século XX. Também o que apresentou um dos crescimentos

⁸ WOLFF, Elias. Editorial. *Caminhos de Diálogo: Revista de Diálogo Ecumênico e Inter-Religioso*, Brasília, n. 4, a. 3, p. 7-9, 2015. p. 8.

⁹ BENTHO, Esdras Costa. Entre a emoção e a razão: a experiência pneumatológica dos pentecostais clássicos. *Caminhos de Diálogo: Revista de Diálogo Ecumênico e Inter-Religioso*, Brasília, n. 4, a. 3, p. 91-102, 2015. p. 98-99.

¹⁰ BENTHO, 2015, p. 99.

¹¹ Cf. SOUZA, Humberto Araujo Quaglio de. *A experiência religiosa em Kierkegaard sob a perspectiva do pensamento de Rudolf Otto*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013. p. 35.

¹² Cf. SYNAN, Vinson. *O século do Espírito Santo: 100 anos do avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Vida, 2009. p. 289.

mais surpreendentes”.¹³ Da mesma forma, no pentecostalismo católico a fé está baseada na experiência, pois a principal causa do processo de expansão da RCC aos setores populares “é a oferta de uma experiência religiosa subjetiva e emocional dentro das fronteiras do catolicismo”.¹⁴

Experiência pentecostal: características e intenções originárias

Tendo estabelecido que a experiência do sagrado possui centralidade no pentecostalismo, podem-se apresentar algumas de suas principais características. Primeiramente, a experiência pentecostal é denominada *batismo com o Espírito Santo*, que pretende ser uma atualização da experiência vivenciada pelos Apóstolos no dia de Pentecostes. McAlister assim a define:

o batismo no Espírito Santo é uma experiência. Ele é uma sequência do arrependimento e faz parte do processo de regeneração. Sua evidência inicial é o falar em outras línguas. O batismo no Espírito Santo é um dom de Deus e a promessa do Pai. Ele dá ao crente um relacionamento íntimo com Cristo e o revestimento de poder para testemunhas a Cristo. O crente batizado no Espírito Santo está cheio do Espírito Santo e capacitado para exercer os demais dons espirituais.¹⁵

Para os pentecostais das Assembleias de Deus, por exemplo, o batismo em águas é uma ordenança de Jesus, enquanto que o batismo com o Espírito Santo é uma experiência considerada como “segunda bênção”, ocorrida logo após a pessoa ter recebido a bênção da salvação.¹⁶ Porém, o propósito do batismo com o Espírito Santo não é o falar em línguas, como sintetiza Adriano Lima e Diandra Brandt, baseando-se no teólogo pentecostal Antony Palma que diz: ele é um revestimento para testemunhar a Cristo, é condição para exercer o ministério;capacita o crente para realizar milagres, bem como abre para a pessoa as portas para as manifestações espirituais e por fim contribui para que o cristão busque uma vida correta, santa.¹⁷

A intenção originária desta experiência de fé não era a de fundar novas igrejas, mas difundir o batismo com o Espírito Santo por todo o Cristianismo. Por isso o pentecostalismo surgiu com um grande fervor missionário e espalhou-se rapidamente por todo o mundo. Todos aqueles que recebessem o batismo no Espírito Santo, homens e mulheres, brancos ou negros, estavam capacitados para pregar a palavra de Deus, fato este

¹³ SYNAN, 2009, p. 293.

¹⁴ MARTINS, Andrea Damacena. Pentecostalismo católico: desenvolvimento e direções no contexto brasileiro. *Caminhos de Diálogo: Revista de Diálogo Ecumênico e Inter-Religioso*, Brasília, n. 4, a. 3, p. 33-42, 2015. p. 38.

¹⁵ McALISTER, [s. d.], p. 75-76.

¹⁶ Cf. LIMA, Adriano; BRANDT, Diandra. A experiência do batismo com o Espírito Santo e seus propósitos pastorais no pentecostalismo. *Caminhos de Diálogo: Revista de Diálogo Ecumênico e Inter-Religioso*, Brasília, n. 4, a. 3, p. 43-53, 2015. p. 46.

¹⁷ Cf. LIMA; BRANDT, 2015, p. 50-52.

que tornou o pentecostalismo nascente um movimento leigo e inclusivo, uma vez que todos eram capacitados pelo Espírito Santo.

Suas reuniões de oração ficaram conhecidas pelo fervor, pela pregação simples e existencial/testemunhal, pela musicalidade, pelas manifestações espirituais, pelo clima de irmandade, pela alegria. Uma coisa é certa: o culto pentecostal vai ao encontro dos profundos anseios populares, como afirma Brakeimeier:

el estilo pentecostal es acogido, de preferencia, entre las clases no privilegiadas de América Latina; mediante la promesa de la curación divina, la celebración de fiesta nel templo de Dios, la construcción de la autoestima, además de otros elementos.¹⁸

O culto pentecostal: o lugar da experiência religiosa

A partir de agora focar-se-á no culto clássico das Assembleias de Deus, pois ela é a maior igreja pentecostal da nação brasileira. Foi fundada por Daniel Berg e Gunnar Vingren, missionários suecos que após algum tempo morando nos Estados Unidos vivenciaram uma experiência espiritual em que relataram terem sido ordenados por Deus, através do Espírito Santo, a deixarem os Estados Unidos da América e virem para o Estado do Pará, na região Norte do país, pregar o evangelho de Cristo Jesus.¹⁹

A partir de então, o pentecostalismo ganhou um espaço considerável na sociedade brasileira. Desde a década de 1950 é possível observar um crescimento do segmento pentecostal, porém após os anos 1980 esse crescimento que era bastante lento, alça uma grande proporção. O sociólogo Ricardo Mariano ao analisar o rápido crescimento da ala pentecostal brasileira nas décadas pós 1980 comenta:

desde os anos 50, o Pentecostalismo cresce muito no Brasil. Mas sua expansão acelera-se acentuadamente a partir da década de 1980, momento em que esse movimento religioso passa a conquistar igualmente crescente visibilidade pública, espaço na tevê e poder político partidário. Segundo os Censos Demográficos do IBGE, havia 3,9 milhões de pentecostais no Brasil em 1980, 8,8 milhões em 1991 e 17,7 milhões em 2000.²⁰

A doutrina pentecostal é bastante diversificada e cada denominação recorre a meios proselitistas para assegurar a maior quantidade de seguidores. Além de uma variada estratégia de *marketing*, as denominações pentecostais utilizam, geralmente, uma

¹⁸ BRAKEIMEIER, Gottfried. *Preservando la unidad del Espíritu en el vínculo de la paz: un curso de ecumenismo*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2008. p. 77.

¹⁹ VINGREN, Ivar. *Diário do pioneiro*: Gunnar Vingren. 5. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2000. p. 31.

²⁰ MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 18, n. 52, p. 10-25, set. 2004. p. 11.

liturgia com uma linguagem atraente que oferece respostas para as necessidades dos seus fiéis. Mariano comenta:

no Brasil, a expansão pentecostal não é recente nem episódica. Ocorre de modo constante já há meio século, o que permitiu que o pentecostalismo se tornasse o segundo maior grupo religioso do país. Mas seu avanço não é expressivo apenas nos planos religioso e demográfico. Estende-se pelos campos midiático, político partidário, assistencial, editorial e de produtos religiosos. Seus adeptos não se restringem mais somente aos estratos pobres da população, encontrando-se também nas classes médias, incluindo empresários, profissionais liberais, atletas e artistas.²¹

O pentecostalismo é marcado também pelo grande apego pela evangelização e talvez essa característica seja uma das que corrobore o seu rápido crescimento. O teólogo pentecostal David Mesquiati de Oliveira, ao descrever algumas características comuns aos mais diversos segmentos do cristianismo, encontra na diaconia um exemplo de elo que liga todo o cristianismo, e sobre o pentecostalismo em especial, o autor afirma que “as igrejas pentecostais, no entanto, têm como característica principal a busca de experiências no Espírito e a urgência da evangelização”.²² Essa busca pela experiência com divino é uma constante que marca toda a religiosidade pentecostal, principalmente sua liturgia. A revista da escola dominical²³ da Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), do segundo trimestre de 2011, em sua oitava lição, ao comentar sobre a liturgia pentecostal, a descreve da seguinte maneira:

apesar de suas características, o culto pentecostal também possui a sua liturgia. Mas o que significa liturgia? Não devemos assustar-nos diante dessa palavra, nem tê-la como sinônimo de formalismo. Liturgia, de acordo com o grego, significa serviço público. Nesse sentido, o culto cristão pode ser definido como um serviço que, em espírito e em verdade, prestamos a Deus (Sl 100.2).

Paulo apresenta a liturgia ideal para o culto cristão: “Que fareis, pois, irmãos? Quando vos ajuntais, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação. Faça-se tudo para edificação” (1Co 12.26). Embora a igreja em Corinto fosse autenticamente pentecostal, o seu culto deveria primar pela boa condução: “Mas faça-se tudo decentemente e com ordem” (1Co 14.40). O culto deve ser racional e consciente, conforme exige a Palavra de Deus (Rm 12.1). Caso contrário, ou cairá no formalismo, ou em algo desordenado e sem forma.

²¹ MARIANO, 2004, p. 12.

²² OLIVEIRA, David Mesquiati de. Diaconia Transformadora. *Anais do Congresso Internacional de Teologia*, São Leopoldo, v. 1, n. 1, p. 621-635, dez. 2012. p. 622.

²³ Escola dominical é um sistema de ensino praticado pelas igrejas evangélicas que divide a igreja em classes de aula, de maneira a tornar o ensino mais didático. Geralmente é aplicado uma vez por semana.

Queremos deixar bem claro que a liturgia realmente bíblica jamais impedirá a manifestação do poder de Deus, batismos com o Espírito Santo, curas divinas, milagres e, principalmente, salvação de almas.²⁴

Essa importância dispensada ao contato com o sobrenatural possibilita que o culto pentecostal se torne uma experiência de fascinação, pois, segundo Rudolf Otto, o *mistério fascinante* é elemento da experiência religiosa que tem a qualidade de atrair, cativar e fascinar.²⁵ Ao lado do elemento repulsivo (mistério tremendo), surge algo que cativa, formando “uma estranha harmonia de contrastes”.²⁶ No aspecto fascinante do *numinoso*, o ser humano percebe que esta potência divina não é maligna e, por isso, sente-se impelido a aproximar-se dela para melhor conhecê-la.²⁷

Geralmente as reuniões pentecostais são diferentes umas das outras, e apesar de se ter uma liturgia desejada, há uma ênfase na liberdade para o Espírito Santo, uma vez que acredita-se que o próprio Deus, através do Espírito Santo é quem conduz a reunião para o engrandecimento de Cristo. Assim, elementos como a oração, a palavra bíblica e a música, sempre estarão presentes nas reuniões pentecostais.²⁸ É importante notar que dentre todos os componentes da liturgia, a música ocupa um destacado lugar:

A música na liturgia pentecostal tem um lugar destacado, com cânticos de arranjos trabalhados e letras que expressam os fundamentos da fé cristã. Da mesma maneira, as letras dos hinos pentecostais são simples e exprime um sentimento de fé, oração e busca de uma legítima experiência com Deus.²⁹

A musicalidade do culto pentecostal é marcada por hinos cantados com fé, por todos os componentes da congregação, Santos Júnior diz que “o louvor pentecostal é, geralmente, construído sobre ritmos populares, possibilitando que até mesmo os fiéis de pouca ou nenhuma instrução musical, aprendam e façam uso dessas músicas”.³⁰

De uma maneira geral pode-se afirmar que a Assembleia de Deus, maior denominação pentecostal do mundo, serve como referência para a maioria das denominações desse seguimento, o que acaba influenciando a liturgia do culto, que salvo algumas particularidades de cada congregação, segue a proposta assembleiana.³¹

²⁴ LIÇÕES BÍBLICAS: O Movimento pentecostal e as doutrinas da nossa fé. Rio de Janeiro: CPAD, v. 2, n. 1, 2011. Trimestral. Disponível em: <<http://ebdgalileus.blogspot.com.br/2011/05/licao-8-o-genuino-culto-pentecos-tal.html>>. Acesso em: 05 set. 2017.

²⁵ Cf. GOTO, Tommy Akira. *O fenômeno religioso: a fenomenologia em Paul Tillich*. São Paulo: Paulus, 2004. p. 90.

²⁶ OTTO, 1985, p. 35.

²⁷ Cf. PIAZZA, Waldomiro O. *Introdução à fenomenologia religiosa*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 131.

²⁸ SANTOS JÚNIOR, Paulo Jonas dos. Histórico da música sacra: do antigo testamento ao culto pentecostal. *Azusa: Revista de Estudos Pentecostais*, Joinville, v. 8, n. 1, maio 2017. p. 15.

²⁹ SANTOS JÚNIOR, 2017, p. 16.

³⁰ SANTOS JÚNIOR, 2017, p. 16.

³¹ SANTOS JÚNIOR, 2017, p. 12.

Na Igreja Assembleia de Deus, os fiéis têm por hábito realizarem suas orações individuais assim que chegam ao templo, então, logo ao adentrarem ao local, dobram seus joelhos e fazem um breve momento de reflexões e orações individuais, e assim aguardam o dirigente da congregação dar início ao culto. O culto pentecostal é aberto com uma oração coletiva, que pode ser realizada de joelhos dobrados ou sobre os pés, sempre sob um forte sentimento de devoção e respeito ao sobrenatural. Após a oração coletiva, são entoados cânticos congregacionais e distribuídas as oportunidades para aqueles que desejarem testemunhar uma bênção, explanar um trecho bíblico ou cantar uma canção. Findo esse período, o microfone é passado para o preletor, que vai falar sobre a Bíblia; essa parte da liturgia é de especial importância para a congregação, uma vez que acredita-se que a mensagem final é sempre vinda da parte de Deus e, como tal, tem poder para fortalecer a fé, curar os enfermos, salvar os perdidos, consolar os aflitos, ou seja, realizar qualquer milagre. Há também, trabalhos paralelos, que são dirigidos pelo grupo de mulheres, adolescentes, jovens, homens, dentre outros; esses se constituem em cultos temáticos, voltados, geralmente em atender a demanda de cada grupo de pessoas e suas faixas etárias.³²

É mister observar que essa liturgia do pentecostalismo possibilita uma fácil aproximação entre o fiel e o seu Deus, o que pode explicar o motivo desse segmento religioso alcançar um grande crescimento em tão pouco tempo.³³

Experiência pentecostal: alguns desdobramentos históricos

Se o pentecostalismo nasceu com o propósito originário de ser uma corrente de espiritualidade, centrada mais na pessoa do que na instituição, livre e inclusiva, no desenrolar de sua história percebe-se como que se tivesse ocorrido uma traição de sua vocação. De renovador a tradicional; de livre a institucional; de inclusivo a intolerante; de missionário a centralizado em suas estruturas; de leigo a sacerdotal; da lógica de irmandade à lógica de poder.

Apontam-se aqui apenas alguns exemplos de atitudes que o pentecostalismo adotou em sua história que adulteram sua experiência religiosa originária. Se ele surgiu para dar voz a todos, uma vez que todos são capacitados pelo Espírito Santo, caracterizando-se assim como uma religião leiga; hoje se presencia a privatização da experiência do Espírito, com alguns líderes que se consideram detentores plenos dos dons do Espírito. Gedeon Alencar assim expressasse:

alguns líderes pentecostais estão a cada dia mais pomposos, imperiais e inacessíveis. Infalíveis em suas pregações, revelações e decretos. Sabem

³² SANTOS JÚNIOR, 2017, p. 11-18.

³³ OLIVEIRA, David Mesquiati de; CAMPOS, Bernardo. Teologia Prática Pentecostal: particularidades, perfil e desafios no século XXI. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 56, n. 2, p. 264-275, set. 2017. p. 266.

tudo e decidem tudo inquestionavelmente por revelação lhe dada diretamente pelo divino. Pastor é um título comum que não lhes serve mais, daí surgiram os pastores-doutores, profetas, apóstolos ou patriarca ou pai-apóstolo.³⁴

Assim, quando um líder fala, é o próprio Deus quem fala. O leigo, pobre e simples, sem formação e títulos, não possui mais o direito de expressar-se, não pode mais ser canal da revelação de Deus.

Outra questão que se assinala é a de que o pentecostalismo surgiu como um movimento inclusivo, com a capacidade de aproximação das classes de pessoas mais sofridas e oprimidas, distantes dos ideais de uma sociedade capitalista. Eles anunciavam a salvação em Cristo, sem criar acepção entre as pessoas.³⁵ Principalmente por sua pregação que optou pela via inclusiva: “os pregadores pentecostais empregavam em seus discursos, as linguagens populares, fato este que levou as massas por optarem por este movimento. [...] respondiam as demandas de necessidades das pessoas que viviam à margem da sociedade”.³⁶ Todavia, com o surgimento de líderes austeros, rígidos e inflexíveis, que passaram a valorizar o exterior através do moralismo e do legalismo dos usos e costumes, afastou-se o Movimento Pentecostal da sociedade. Segundo Ailton Martins, o pentecostalismo passou a ser um espaço para o cultivo da ‘hipocrisia’, pois “a austeridade exige perfeição dos fieis. Como ainda não existe ninguém perfeito [...] se criou no Movimento Pentecostal a conduta hipócrita”.³⁷ A opressão devido às regras fez com que muitos deixassem estas igrejas e outros fossem expulsos. Devido a esta postura austera, segundo Martins, os pentecostais passaram a ser vistos como anticulturais, anti-intelectuais, erguendo-se barreiras entre crentes e incrédulos, puros e impuros, dificultando o relacionamento entre os pentecostais e a sociedade.³⁸ Assim, a experiência do Espírito passa a ser reduzida apenas a um grupo de ‘santos’, que segue as normas estabelecidas por um grupo de líderes rígidos, afastando os ‘impuros’ desta experiência de fé.

Por fim, outra questão que contradiz a experiência pentecostal originária diz respeito ao denominacionalismo. Sendo que o pentecostalismo não surgiu com a intenção de fundar novas igrejas, pois, segundo o pastor pentecostal Roger Cabezas, “o

³⁴ ALENCAR, Gedeon Freire. Pentecostalismos e ecumenismos: Deus e o diabo se (des)entendendo na terra do sol. *Caminhos*, Goiânia, v. 12, n. 1, p. 220-239, jan./jul. 2014. p. 233.

³⁵ Cf. MARTINS, Ailton. Alteridade e austeridade no Movimento Pentecostal. *Azusa: Revista de Estudos Pentecostais*, Joinville, v. 2, n. 1, p. 29-46, 2012. p. 40-41.

³⁶ MARTINS, Ailton. A linguagem inclusiva da teologia do pentecostalismo clássico: possibilidade de inclusão e acessibilidade de pessoas excluídas da sociedade. *Azusa: Revista de Estudos Pentecostais*, Joinville, v. 6, n. 2, p. 49-60, 2015. p. 50-51.

³⁷ MARTINS, 2012, p. 33.

³⁸ Cf. MARTINS, 2012, p. 34-35.

pentecostalismo é mais que uma doutrina (uma confissão), é uma maneira de viver e experimentar a fé cristã que emergiu do seio de diversas tradições confessionais”.³⁹

Todavia, com o surgimento das igrejas pentecostais, muitas passaram a declararem-se detentoras plenas da verdade, combatendo outras igrejas. Ao invés do ardor missionário de espalhar a mensagem pentecostal, presencia-se uma disputa entre denominações, que segundo Ismael de Vasconcelos é “um pentecostalismo que ainda mantém tradições comuns, mas que vive uma concorrência consigo mesmo, através do denominacionalismo”.⁴⁰ Pois, as divisões entre as denominações não acontecem, na maioria das vezes, por questões teológicas, mas político-institucionais. Assim, as igrejas mantêm as mesmas características pentecostais, porém, não possuem nenhuma unidade ou diálogo, ao contrário, estabelecem uma competição a fim de conquistar mais fiéis para si.⁴¹ Com isso, as igrejas pentecostais centram-se cada vez mais em suas instituições, num modelo eclesiológico autorreferencial, tornando-se aquilo que tanto criticaram nas igrejas tradicionais. Um exemplo pode ser as Assembleias de Deus, como comenta Gedeon Freire de Alencar em entrevista:

nunca as ADs foram tão tradicionais e ‘católicas’ como agora. Agora temos bispos, catedral, uma ‘tradição assembleiana’ a zelar, um corpo de doutrinadores (um Magistério). E muita riqueza física e simbólica a defender.[...] suas lutas internas, seus grupos de poder, seus próprios interesses internos, fazem delas cada vez mais autocentradas.⁴²

Se o pentecostalismo surgiu com o sentimento de superação de um cristianismo institucional e burocrático, hoje ele vivencia a luta entre instituição e carisma no interior das denominações. A lógica do poder institucional sacrifica a experiência religiosa em troca do crescimento das estruturas das igrejas, da comodidade dos líderes poderosos que se estabelecem dentro das denominações. Por isso, faz-se necessário uma leitura crítica de como as denominações têm organizado sua experiência religiosa pentecostal. Talvez as instituições pentecostais estejam mais institucionais do que imaginam.

Considerações finais

O presente artigo buscou analisar um dos maiores fenômenos religiosos do cristianismo atual: o pentecostalismo. Sob a ótica da noção de fascinação de Rudolf Otto,

³⁹ CABEZAS, Roger. Os dons do Espírito Santo: edificando o corpo. In: CASCO, Miguel Angel; CABEZAS, Roger; MANRÍQUEZ, Samuel Palma. *Pentecostais, libertação e ecumenismo*. São Leopoldo: CEBI, 1996. p. 32.

⁴⁰ FERREIRA, Ismael de Vasconcelos. “Para que todos sejam um”: o conflito denominacionista pentecostal e a questão do ecumenismo. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de. *Pentecostais e unidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015. p. 211.

⁴¹ Cf. FERREIRA, 2015, p. 213.

⁴² ALENCAR, Gedeon Freire. *Igreja Católica e Assembleia de Deus*. Santa Catarina, jan. 2016. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.

refletimos acerca desse seguimento religioso que se faz presente nas mais diversas alas do cristianismo.

Para uma melhor análise do pentecostalismo traçamos um breve histórico com o intuito de contextualizar a chegada desse fenômeno aqui no Brasil. Da mesma maneira, realizamos uma descrição qualitativa do culto pentecostal e analisamos seus fenômenos a partir da obra de Rudolf Otto.

Por fim, foi possível perceber que o pentecostalismo é um seguimento que valoriza as experiências religiosas dos fiéis, assim como facilita a comunicação com sua cultura. Por outro lado observamos também que há uma movimentação que está trabalhando na institucionalização do pentecostalismo, o que demonstra ser uma contradição a seus princípios de liberdade do fiel para com seu Deus.

Referências

ALENCAR, Gedeon Freire. *Igreja Católica e Assembleia de Deus*. Santa Catarina, jan. 2016. Entrevista concedida a André Luís da Rosa.

_____. Pentecostalismos e ecumenismos: Deus e o diabo se (des)entendendo na terra do sol. *Caminhos*, Goiânia, v. 12, n. 1, p. 220-239, jan./jul. 2014.

BENTHO, Esdras Costa. Entre a emoção e a razão: a experiência pneumatológica dos pentecostais clássicos. *Caminhos de Diálogo: Revista de Diálogo Ecumênico e Inter-Religioso*, Brasília, n. 4, a. 3, p. 91-102, 2015.

BRAKEIMEIER, Gottfried. *Preservando la unidad del Espíritu en el vínculo de la paz: un curso de ecumenismo*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2008.

BRICK, Bruno Odélio. *O Sagrado em Rudolf Otto*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.

CABEZAS, Roger. Os dons do Espírito Santo: edificando o corpo. In: CASCO, Miguel Angel; CABEZAS, Roger; MANRÍQUEZ, Samuel Palma. *Pentecostais, libertação e ecumenismo*. São Leopoldo: CEBI, 1996.

CONGAR, Yves. *Ele é o Senhor e dá vida*. São Paulo: Paulinas, 2005.

FERREIRA, Ismael de Vasconcelos. "Para que todos sejam um": o conflito denominacionalista pentecostal e a questão do ecumenismo. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de. *Pentecostalismos e unidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

GOTO, Tommy Akira. *O fenômeno religioso: a fenomenologia em Paul Tillich*. São Paulo: Paulus, 2004.

LIÇÕES BÍBLICAS: O Movimento pentecostal e as doutrinas da nossa fé. Rio de Janeiro: Cpad, v. 2, n. 1, 2011. Trimestral. Disponível em: <<http://ebdgalileus.blogspot.com.br/2011/05/licao-8-o-genuino-culto-pentecostal.html>>. Acesso em: 05 set. 2017.

- LIMA, Adriano; BRANDT, Diandra. A experiência do batismo com o Espírito Santo e seus propósitos pastorais no pentecostalismo. *Caminhos de Diálogo: Revista de Diálogo Ecumênico e Inter-Religioso*, Brasília, n. 4, a. 3, p. 43-53, 2015.
- MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 10-25, set. 2004.
- MARTINS, Ailton. A linguagem inclusiva da teologia do pentecostalismo clássico: possibilidade de inclusão e acessibilidade de pessoas excluídas da sociedade. *Azusa: Revista de Estudos Pentecostais*, Joinville, v. 6, n. 2, p. 49-60, 2015.
- _____. Alteridade e austeridade no Movimento Pentecostal. *Azusa: Revista de Estudos Pentecostais*, Joinville, v. 2, n. 1, p. 29-46, 2012.
- MARTINS, Andrea Damacena. Pentecostalismo católico: desenvolvimento e direções no contexto brasileiro. *Caminhos de Diálogo: Revista de Diálogo Ecumênico e Inter-Religioso*, Brasília, n. 4, a. 3, p. 33-42, 2015.
- McALISTER, Robert. *A experiência pentecostal*. São Paulo: Nova vida, [s. d.].
- MIRANDA, Mario de França. A experiência cristã e suas expressões históricas. In: ANJOS, Márcio Fabri dos (Org.). *Experiência religiosa: risco ou aventura*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- OLIVEIRA, David Mesquiati de. Diaconia Transformadora. *Anais do Congresso Internacional de Teologia*, São Leopoldo, v. 1, n. 1, p. 621-635, dez. 2012.
- _____.; CAMPOS, Bernardo. Teologia Prática Pentecostal: particularidades, perfil e desafios no século XXI. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 56, n. 2, p. 264-275, set. 2017.
- OTTO, Rudolf. *O sagrado: um estudo do elemento não-racional na idéia do divino e a sua relação com o racional*. São Bernardo do Campo: Metodista, 1985.
- PIAZZA, Waldomiro O. *Introdução à fenomenologia da religiosa*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1983.
- SANTOS JÚNIOR, Paulo Jonas dos. Histórico da música sacra: do antigo testamento ao culto pentecostal. *Azusa: Revista de Estudos Pentecostais*, Joinville, v. 8, n. 1, maio 2017.
- SMET, Walter. *Eu faço um mundo novo: movimento carismático na Igreja*. São Paulo: Loyola, 1978.
- SOUZA, Humberto Araujo Quaglio de. *A experiência religiosa em Kierkegaard sob a perspectiva do pensamento de Rudolf Otto*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.
- SYNAN, Vinson. *O século do Espírito Santo: 100 anos do avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Vida, 2009.
- VINGREN, Ivar. *Diário do pioneiro: Gunnar Vingren*. 5.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.
- WOLFF, Elias. Editorial. *Caminhos de Diálogo: Revista de Diálogo Ecumênico e Inter-Religioso*, Brasília, n. 4, a. 3, p. 7-9, 2015.